



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE / PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

FRANCIÉRICA OLIVEIRA RIBEIRO

**A COVID-19 NAS ROTINAS PRODUTIVAS DO TELEJORNALISMO: O NOVO
NORMAL NO CONTEXTO DA TV PARAÍBA**

**CAMPINA GRANDE
2021**

FRANCIÉRICA OLIVEIRA RIBEIRO

**A COVID-19 NAS ROTINAS PRODUTIVAS DO TELEJORNALISMO: O NOVO
NORMAL NO CONTEXTO DA TV PARAÍBA**

Artigo apresentado ao a/ao Coordenação
/Departamento do Curso Jornalismo da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R484c Ribeiro, Franciérica Oliveira.

A Covid-19 nas rotinas produtivas do telejornalismo [manuscrito] : o novo normal no contexto da TV Paraíba / Francierica Oliveira Ribeiro. - 2021.

29 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."

1. Telejornalismo. 2. Produção jornalística. 3. Pandemia. 4. Novo normal. I. Título

21. ed. CDD 070.4

FRANCIÉRICA OLIVEIRA RIBEIRO


A COVID-19 NAS ROTINAS PRODUTIVAS DO TELEJORNALISMO: O NOVO
NORMAL NO CONTEXTO DA TV PARAÍBA

Artigo apresentado ao Programa de
Graduação em Jornalismo da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Jornalismo.

Aprovado em: 31/05/2021.

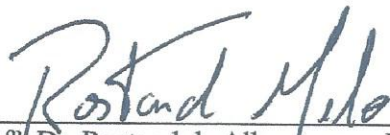
BANCA EXAMINADORA



Prof.^o Dr. Kleyton Jorge Canuto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dra. Cássia Lobão Assis
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^o Dr. Rostand de Albuquerque Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este TCC aos meus pais e meus irmãos, que me viram sair de casa em busca da realização de um sonho e que, desde então, me apoiaram e viveram comigo esse sonho. Sem eles, nada disso seria possível.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - INFOGRÁFICO COM NÚMEROS ATUALIZADOS DA PANDEMIA	12
FIGURA 2 - DISTANCIAMENTO NO ENQUADRAMENTO DO AO VIVO	13
FIGURA 3 - <i>HOME OFFICE</i> : A CASA COMO CENÁRIO DO REPÓRTER	17

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	ROTINAS PRODUTIVAS NA TV PARAÍBA ANTES DA COVID-19	8
3	IMPACTOS DA PANDEMIA NA PRODUÇÃO DA TV PARAÍBA	9
3.1	Primeira fase: início da pandemia e primeiras mudanças na redação	10
3.1.1	<i>O repórter de TV e o medo de ir às ruas por causa da pandemia</i>	10
3.1.2	<i>Dados da pandemia na Paraíba como informação diária nos telejornais</i>	11
3.1.3	<i>Distanciamento no enquadramento da “entrada ao vivo”</i>	13
3.2	Segunda fase: aumento de casos de Covid e medidas mais restritivas	14
3.2.1	<i>O uso de dispositivos móveis e da Internet no dia a dia da redação</i>	14
3.2.2	<i>O personagem produzindo o próprio conteúdo</i>	15
3.2.3	<i>Repórteres produzindo na redação</i>	16
3.2.4	<i>Home Office: a casa como cenário do repórter</i>	16
3.3	Terceira fase: diminuição dos casos de Covid-19 e flexibilização no trabalho	17
3.4	Quarta fase: 2ª onda da Covid-19 e o retorno das medidas mais restritivas	18
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	REFERÊNCIAS	20
	APÊNDICE A - ENTREVISTA I	22
	APÊNDICE B - ENTREVISTA II	24
	APÊNDICE C - ENTREVISTA III	26
	APÊNDICE D - CARTA DE AUTORIZAÇÃO	28

A COVID-19 NAS ROTINAS PRODUTIVAS DO TELEJORNALISMO: O NOVO NORMAL NO CONTEXTO DA TV PARAÍBA

Franciérica Oliveira Ribeiro¹

RESUMO

Este trabalho discorre sobre os impactos da pandemia da Covid-19 nas rotinas produtivas do telejornalismo, visando compreender de que forma esse fenômeno ocasionou mudanças e adaptações nas atividades cotidianas dos jornalistas. Fundamentando-se no aporte teórico-metodológico do newsmaking, esta pesquisa teve como objeto de estudo as rotinas de produção do telejornalismo da TV Paraíba, afiliada da Rede Globo em Campina Grande. Através da etnografia, observando o trabalho na redação da TV durante fases distintas da pandemia e analisando entrevistas realizadas com jornalistas da empresa, constata-se que houve impactos significativos na produção da notícia e no formato de conteúdo jornalístico aplicado à televisão, configurando profissionais adaptados e alinhados às estratégias da empresa para disseminar a informação diante de um “novo normal”.

Palavras-chave: Telejornalismo. Produção jornalística. Pandemia. Novo normal.

ABSTRACT

This study discusses the impacts of the Covid-19 pandemic on the productive routines of telejournalism, aiming to understand how this phenomenon caused changes and adaptations in the daily activities of journalists. Based on the theoretical-methodological contribution of newsmaking, this research had as its object of study the routines of television journalism production by TV Paraíba, an affiliate of Rede Globo in Campina Grande. Through ethnography, observing the work in TV newsroom during different phases of the pandemic and analyzing interviews conducted with journalists from the company, it appears that there were significant impacts on news production and on the format of journalistic content applied to television, configuring adapted professionals and aligned with the company's strategies to disseminate information in the face of a “new normal”.

Keywords: Telejournalism. Journalistic production. Pandemic. New normal.

¹ Graduanda no curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. E-mail: francierica.ribeiro@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Em janeiro de 2020, o Brasil já ouvia falar do surto do novo coronavírus pelo mundo. No mês seguinte, os primeiros casos da Covid-19 já estavam confirmados no país. Após 11 de março, quando a Organização Mundial da Saúde (doravante OMS) alterou o status de surto para o de pandemia, não demorou muito para que casos da doença fossem registrados em todo território nacional.

A pandemia do novo coronavírus chegou modificando as ações, as rotinas, os encontros, os trabalhos e o mundo. Essas transformações precisaram ser noticiadas dia após dia. Quanto maior era o número de casos e mortes confirmadas pela doença, maiores foram as mudanças estabelecidas e, quanto mais estas atingiam a sociedade, mais necessária era a informação.

Para as pessoas, que de acordo com o agravamento da pandemia foram precisando se afastar umas das outras, meios tecnológicos como a internet e dispositivos móveis foram sendo cada vez mais essenciais no dia a dia. Então, no mundo contemporâneo, em que as pessoas já faziam uso dessas ferramentas, o impacto da pandemia acentuou relações mais dependentes dessas tecnologias.

Diante do novo cenário pandêmico, assim como na sociedade, as rotinas de produção no telejornalismo também precisaram ser reavaliadas, reorganizadas e reestruturadas, para que a informação não deixasse de ser disseminada de forma didática a uma população com medo de um novo vírus. Como orientam os pesquisadores Ferraretto e Morgado (2020, p. 6), que “[...] todos os meios, em uma realidade cada vez mais convergente, devem apoiar a sociedade no combate à pandemia provocada pelo SARS-CoV-2, o novo coronavírus.”. Desse modo, esta pesquisa apresenta as mudanças ocorridas no formato de trabalho de uma redação de TV para que o telejornalismo continuasse informando e alertando as pessoas sobre a pandemia.

A proposta deste trabalho, fruto de um estágio realizado durante um ano e seis meses na Televisão Paraíba (doravante TV Paraíba), afiliada da Rede Globo em Campina Grande-PB, não foi tornar os resultados parâmetro para outras redações de TV, mas sim identificar de que forma a pandemia da Covid-19 impactou as rotinas produtivas do telejornalismo.

Analisando estudos recentes sobre o jornalismo em tempos de pandemia, além de trabalhos anteriores à Covid-19 que já dissertam sobre mudanças no jornalismo com o advento das novas tecnologias, esta pesquisa se fez necessária para compreender como a pandemia afetou diretamente a produção do telejornalismo, condicionando reações e adaptações significativas dos profissionais que atuam nessa parte específica do jornalismo, bem como a prática de novos formatos de conteúdo para que a informação fosse disseminada.

Sendo assim, este trabalho teve como objetivo geral entender como as mudanças por causa da pandemia transformaram as rotinas produtivas dos jornalistas da TV Paraíba, destrinchando objetivos específicos como a observação das adaptações sofridas nas rotinas desses profissionais e a análise das reações às novas práticas executadas em meio à pandemia para que o telejornalismo da empresa permanecesse diariamente na casa dos telespectadores.

Para tanto, este trabalho, fundamentado no aporte teórico-metodológico do newsmaking, utilizou-se da pesquisa etnográfica, uma vez que a autora esteve imersa nas rotinas produtivas da TV Paraíba como estagiária em um dos telejornais da empresa, o JPB2, exibido à noite. Por meio disso, dados qualitativos também foram coletados a partir de entrevistas realizadas com jornalistas da empresa, concedidas e autorizadas para divulgação nesta pesquisa mediante assinatura de Carta de Autorização (Apêndice - D).

Os dados são recolhidos pelo investigador presente no ambiente que é objecto de estudo, quer pela observação sistemática de tudo o que aí acontece, quer através de conversas, mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas com as pessoas que põem em prática os processos produtivos. Os critérios específicos que presidem à recolha e à estruturação do material observativo que foi sendo acumulado podem ser diversos, o que importa é que a fase de observação, isto é, da presença do investigador no local, esteja sempre ligada a hipóteses de pesquisa. (WOLF, 1994, p.167).

Desse modo, esta pesquisa discorre brevemente sobre como eram as rotinas de produção na TV Paraíba antes da Covid-19 e, em seguida, atenta para quatro fases distintas vividas pelos jornalistas da empresa em meio à pandemia. A fase inicial destaca as primeiras medidas tomadas no ambiente de trabalho; a segunda descreve como a redação lidou com o aumento de casos da Covid-19 no Estado e na cidade de Campina Grande; na terceira foram observadas as flexibilizações nas rotinas de produção devido à diminuição de casos da doença no final de 2020; e na quarta e última fase, foi observado a volta do aumento do número de casos registrados na cidade e no Estado, que ocasionou novas medidas de restrição e novas dificuldades nas jornadas de trabalho dos jornalistas.

2 ROTINAS PRODUTIVAS NA TV PARAÍBA ANTES DA COVID-19

No prédio da Rede Paraíba de Comunicação em Campina Grande, situado no bairro da Palmeira, funciona o conglomerado de mídias do grupo. Além da TV Paraíba, onde trabalham equipes de produção, reportagem, edição, manutenção e programação voltadas à produção dos telejornais da empresa, estão instaladas as estruturas das outras mídias como a rádio CBN Campina Grande e os portais online G1 Paraíba, GE Paraíba e Jornal da Paraíba. Enquanto os jornalistas dos portais atuam no mesmo ambiente de trabalho dos profissionais da TV, os funcionários da rádio trabalham em uma sala distinta do prédio, construída para sediar essa mídia do grupo de comunicação.

Pouco antes da pandemia, a TV Paraíba passou por um processo de redução no quadro de funcionários do setor de jornalismo. Isso aconteceu após um dos telejornais da empresa (JPB1) e o programa Globo Esporte PB passarem a ser transmitidos unicamente em rede estadual, pela Televisão Cabo Branco, empresa do grupo Rede Paraíba de Comunicação em João Pessoa. Assim, a TV Paraíba passou a exibir localmente apenas um telejornal, o JPB2, e permaneceu com equipes reduzidas em Campina Grande para a produção dos programas exibidos em rede. Dessa forma, além de não ser mais necessário a colaboração de tantos profissionais nas rotinas produtivas da TV, o grupo de comunicação também já visava a substituição da força de trabalho dos profissionais pelo uso de novas ferramentas tecnológicas.

Ainda antes da pandemia, uma das maiores reduções no número de funcionários da empresa aconteceu no setor de reportagens. As equipes que saíam às ruas para execução de pautas e que antes eram formadas por repórter, cinegrafista e motorista, passaram a ser compostas apenas por duplas. Agora, cinegrafistas também desempenhavam a função de motorista nas produções externas². Antes disso, os motoristas também já acumulavam a função de assistente de cinegrafista, geralmente carregando equipamentos e auxiliando na operação de ferramentas de iluminação no local. Algo que estudiosos como Fonseca e Kuhn (2009, p. 58) evidenciam: “Sob o regime flexível de estruturação do trabalho, frequentemente

² Externas: termo utilizado para se referir às pautas executadas fora da TV, em ambientes externos

o jornalista acumula funções [...], o que implica o uso mais de habilidades que, propriamente, de conhecimentos acerca da realidade a ser representada”.

Em entrevista feita pessoalmente para esta pesquisa, o jornalista Carlos Siqueira, que trabalha na TV Paraíba há mais de 33 anos e que atualmente exerce as funções de chefe da redação e apresentador do JPB2, explica que:

Com a modernização dos equipamentos, nós passamos a ter só o motorista e o repórter. Então aí já teve duas perdas, que era o iluminador, deixou de existir porque a iluminação vinha na própria câmera, e o motorista deixou de existir porque o cinegrafista, ele é o motorista e acumula uma gratificação em torno desse acúmulo [...] E aí, o quê que aconteceu: a modernidade também trouxe esse impacto na mão de obra humana. (SIQUEIRA, 2021)³.

Apesar da redução dos profissionais das equipes de reportagens, o trabalho nas ruas em busca da notícia continuou sendo feito. As rotinas produtivas no telejornalismo da TV Paraíba continuaram seguindo o mesmo formato: produtores elaborando pautas, apurando e checando informações; repórteres recebendo pautas e saindo para os trabalhos fora da redação; e âncora e editores definindo e ajustando a produção do dia para o telejornal local. O trabalho jornalístico seguia conforme o que todos já estavam acostumados, mas, o que ninguém previa era a chegada de um “novo normal”⁴, que transformaria não apenas os formatos de produção na TV Paraíba, mas a vida dos profissionais que permaneceram e que saíram da empresa.

3 IMPACTOS DA PANDEMIA NA PRODUÇÃO DA TV PARAÍBA

Até janeiro de 2020, os profissionais da redação da TV Paraíba acompanhavam as notícias sobre casos do novo coronavírus pelo mundo. No final de fevereiro, enquanto a Europa já confirmava centenas de casos da Covid-19, o Brasil fez o primeiro registro da doença no país. Desde então, foram especuladas várias previsões de quando o vírus se espalharia por todo território nacional, inclusive na Paraíba e em Campina Grande.

Até que no dia 18 de março de 2020, os profissionais da TV Paraíba precisaram noticiar o primeiro caso de Covid-19 no Estado⁵. Nove dias depois, Campina Grande confirmou o primeiro caso da doença na cidade.

Do mesmo modo em que a Secretaria de Saúde de Campina Grande precisou traçar estratégias quanto à prevenção à Covid-19, e aos cuidados dos contaminados com a doença, a chefia de redação da TV Paraíba, seguindo orientações de todo o grupo da Rede Paraíba de Comunicação, também precisou elaborar estratégias de cuidados no formato de trabalho para evitar a contaminação na redação, assim como em toda a empresa.

A gestão do município de Campina Grande decretou medidas de restrição para conter o avanço de casos da Covid-19, por conta disso a redação da TV Paraíba passou por adaptações com o mesmo objetivo: evitar que os profissionais se contaminassem pela doença, afinal, era nesse momento que eles precisavam trabalhar para informar a população sobre a presença de um novo vírus circulando pelo mundo.

³ Entrevista concedida por SIQUEIRA, Carlos. Entrevista III. [mai. 2021]. Entrevistador: Franciérica Oliveira Ribeiro. Campina Grande, 2021. 1 arquivo .mp3 (12 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C deste artigo.

⁴ Novo normal: termo utilizado para referir-se, principalmente, às ações cotidianas e à nova maneira de se relacionar, considerando as mudanças enfrentadas durante a pandemia

⁵ O primeiro caso de Covid-19 na Paraíba foi registrado em João Pessoa. Tratava-se de um homem de 60 anos com histórico de viagem à Europa.

Durante esta pesquisa, foram identificadas quatro fases distintas no formato de trabalho dos jornalistas da TV Paraíba que continuaram trabalhando para levar a informação aos telespectadores. Ao modo em que casos de Covid-19 eram registrados, conforme alertas e dados das Secretarias de Saúde Municipal e Estadual, e de acordo com as restrições estabelecidas na cidade e no Estado, os profissionais da empresa passaram por adaptações nas rotinas de trabalho, transformações estas que também foram sendo reconfiguradas ao longo da pandemia.

3.1 Primeira fase: início da pandemia e primeiras mudanças na redação

Com o registro de mais casos da Covid-19 na Paraíba, não demorou para que o município de Campina Grande sentisse o impacto da pandemia. No dia 23 de março de 2020, a cidade já estava com os estabelecimentos tidos como não essenciais fechados por conta do cumprimento de um decreto municipal, divulgado a fim de diminuir a contaminação da população pelo novo coronavírus. Até então os brasileiros já seguiam as primeiras recomendações da OMS, como lavar as mãos com frequência e cumprir o distanciamento social. Ainda não havia orientação para a população sobre a necessidade do uso de máscara e existia um alerta sobre a escassez desse material de proteção, visando garantir o equipamento para profissionais sanitários envolvidos no combate à doença.

Porém, em abril de 2020 a OMS passou a recomendar o uso de máscaras à população, inclusive as feitas de pano, como uma estratégia de controle da doença. Nesse período, a TV Paraíba, que tinha 54 funcionários, sendo 22 deles no setor de jornalismo, também já havia estabelecido novas regras de convívio que cumpriam as orientações no espaço de trabalho. Os profissionais passaram a usar máscaras, álcool em gel foi distribuído por toda a empresa e, na redação, assim como em outros setores da TV, protetores de acrílico foram instalados nas mesas de trabalho para que os profissionais mantivessem o distanciamento.

Os cuidados que os jornalistas da TV Paraíba passaram a ter na redação em meio à pandemia também se estenderam para o trabalho que eles executavam nas ruas. Uma relação entre pessoa e profissão, pois “o jornalista é antes de tudo um habitante da cidade. O mundo urbano tem características e particularidades que combinam e se misturam no jornalismo”, (TRAVANCAS, 2010, p. 84).

3.1.1 O repórter de TV e o medo de ir às ruas por causa da pandemia

Em entrevista realizada com o jornalista e repórter da TV Paraíba, Artur Lira, ele relata o medo que sentiu do trabalho nas ruas a partir do momento em que casos da Covid-19 começaram a ser registrados em Campina Grande:

Foi muito complicado, foi um momento de muito impacto na minha vida. Eu diria que o maior que eu passei até hoje [...] toda essa exposição causou um pânico em mim, particularmente, esse pânico era maior pelo fato de que eu moro com a minha mãe e minha mãe é uma pessoa de 59 anos, que tem comorbidade, que tem diabetes, tem hipertensão, então acima de tudo o meu maior medo era de me contaminar na rua, levar essa contaminação pra casa e acabar transmitindo pra minha mãe. (LIRA, 2021)⁶.

⁶ Entrevista concedida por LIRA, Artur. Entrevista I. [mai. 2021]. Entrevistador: Franciérica Oliveira Ribeiro. Campina Grande, 2021. 1 arquivo .mp3 (9 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A deste artigo.

Apesar do medo, o repórter entendia que até então a informação era a única arma de defesa no combate à pandemia. “Mas, ao mesmo tempo, eu sentia na profissão a missão de que o jornalismo tem, de que alguém precisava ir pra rua pra dizer a sociedade aquilo que tava acontecendo, mesmo quando a gente não entendia o que tava acontecendo.” (LIRA, 2021).

É compreensível o medo do repórter, assim como de tantos outros jornalistas que precisam continuar o trabalho em meio a situações adversas como a da pandemia da Covid-19, porque “devido a natureza do seu trabalho, os jornalistas estão frequentemente expostos a situações que podem gerar estresse, ansiedade ou trauma.” (NICOLETTI, 2021)⁷.

No último ano, a Covid-19 transformou o inusitado em algo cotidiano e agravou os problemas de saúde mental entre os trabalhadores da mídia. Diariamente, a tragédia humana ganha dimensões maiores com impactos cada vez mais profundos, sociais e econômicos. Em um acontecimento com as proporções da pandemia do novo coronavírus, o produtor da notícia atua como espectador ao mesmo tempo que é também vítima dos fatos reportados. (NICOLETTI, 2021).

Mas, é justamente nessas situações de conflito, que o jornalista é enxergado como personagem importante e fundamental para a sociedade, porque é por meio do trabalho desse profissional que é posta em prática a ideia de cidadania, a partir do momento em que seu papel de informar possibilita ações e reações da população diante de uma crise como a da pandemia da Covid-19. Como já refletia Travancas:

Refletindo sobre o papel do jornalista, saliento que ele tem uma função importante em termos de construção da cidadania, uma vez que é responsável pela transmissão de informações, e a ideia de cidadania está subordinada à informação. Não há cidadão sem conhecimento; é este que torna o indivíduo um cidadão, na medida em que as informações lhe possibilitam escolhas, avaliações e participações na sociedade. Sem isso sua atuação ficaria restrita ou seria inexistente. (TRAVANCAS, 2010, p. 85).

Nesse sentido, o papel do repórter de TV, noticiando diariamente dados da pandemia, contribui para que a informação chegue de maneira mais ampla possível, dando à sociedade o direito do conhecimento e entendimento dos fatos, o que transforma o indivíduo em cidadão na medida em que ele discerne sobre a realidade em que está e sobre as ações que precisa tomar em meio à essa realidade.

3.1.2 Dados da pandemia na Paraíba como informação diária nos telejornais

Em abril de 2020, Campina Grande já registrava duas mortes pela Covid-19. As medidas de prevenção à doença foram se tornando cada vez mais necessárias e, a partir disso, as rotinas de produção na redação da TV Paraíba também foram reconfiguradas. O trabalho externo das equipes de reportagem foi sendo avaliado a cada marcação. Produção e edição precisaram rever o formato do conteúdo e, pouco a pouco, a utilização de imagens feitas por celular e enviadas pelos telespectadores foi ganhando espaço na produção do telejornal.

Nessa época, as informações sobre a Covid-19 no Estado e na cidade já eram prioridade na programação do JPB2. Assim, os dados da doença se tornaram conteúdo diário no telejornal. Além disso, era tão necessária a urgência da informação em meio à pandemia,

7

que a Rede Globo alterou a sua grade de programação e, por consequência, modificou o tempo dos telejornais das afiliadas, dando a cada praça⁸ mais tempo de duração. Depois disso, o JPB2, que até então tinha em média entre 12 a 15 minutos de produção, passou a ter entre 26 a 30 minutos. O tempo que foi acrescido no telejornal visava o combate à desinformação:

[...] em tempos de pandemia, mas não apenas, é por meio do Jornalismo que a realidade é descortinada e torna-se socialmente compartilhada. A cada dia e/ou edição, é sobretudo por meio da televisão e do telejornalismo que os brasileiros se informam sobre o que ocorre no país e no mundo, como registra a última Pesquisa Brasileira de Mídia (2016), ainda que outras telas e dispositivos cada vez mais se apresentem como interface para ampliação do alcance da TV ou se apresentem como alternativa à ela. (SIQUEIRA; MONTEIRO, 2020, p. 8-9).

Em meio ao cenário pandêmico, a produção do JPB2 passou a organizar os dados da pandemia registrados e divulgados pela Secretaria de Estado de Saúde da Paraíba. A organização desses dados era importante para que o telespectador pudesse acompanhar as informações de forma didática, através de infográficos exibidos no telejornal durante a entrada ao vivo dos repórteres com os números atualizados da pandemia no Estado, como mostra a **Figura 1**.

Figura 1 – Infográfico com números atualizados da pandemia



Fonte: Globoplay (2020)⁹

“A infografia presente em reportagens de telejornais ou noticiários é identificada aqui como infografia telejornalística. Esta identificação [...] Serve apenas para determinar a plataforma inicial para qual ela foi concebida a priori, uma reportagem de telejornal”. (NETO, 2013, p. 62-63).

De acordo com Valero (2009), que assim como Machado (2000) identifica as visualizações em televisão de maneira geral como grafismos, dos quais os infográficos também fazem parte, as principais funções que os grafismos desempenham na televisão são: 1) clarificar assuntos complicados; 2) cobrir deficiências quando não há imagens para retratar um acontecimento; 3) enfatizar,

⁸ Praça: termo adotado internamente pela Rede Globo de Televisão para designar os telejornais locais veiculados tanto pelas emissoras pertencentes à Rede quanto às afiliadas

⁹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/jpb-2a-edicao-tv-paraiba/t/6fPcfK1VWx/>> Acesso em: 12 abr. 2021.

destacar ou ilustrar sinteticamente conteúdos essenciais e; 4) entrelaçar ideias ou comparar eventos espaço-temporalmente distantes explicando seu verdadeiro sentido. (apud NETO, 2013, p. 63).

Nesse sentido, em meio à pandemia da Covid-19, o telejornalismo, a partir da informação exibida de forma didática, amplia horizontes a partir do momento em que atenta também para outras informações sobre a realidade pandêmica a qual a sociedade atualmente permanece inserida, a exemplo da quantidade de leitos ocupados ou disponíveis em hospitais da cidade, dando maior entendimento à população sobre a situação local.

3.1.3 Distanciamento no enquadramento da “entrada ao vivo”

Assim como os dados da pandemia na cidade e no Estado, outras informações foram sendo essenciais para o telejornal local da TV Paraíba. Com os novos casos de Covid-19 em Campina Grande, o município se organizava e tomava decisões sobre restrições de prevenção à doença. Como os decretos municipais eram informações urgentes, pois se tratava da saúde coletiva, muitas dessas medidas eram pautadas para o telejornal como conteúdo para entradas ao vivo.

Diferente de como acontecia antes da pandemia, após a Covid-19 a orientação para o repórter era de se distanciar do entrevistado no ao vivo. Para isso, repórter e entrevistado ficavam posicionados cerca de 1,5 metro de distância, os dois de máscaras protetoras e cada um com um microfone, cumprindo o distanciamento social. Essa medida era vista no enquadramento da imagem feito pelo cinegrafista, que também permanecia de máscara e distante do entrevistado, conforme mostra a **Figura 2**.

Figura 2 – Distanciamento no enquadramento do ao vivo



Fonte: Globoplay (2020)¹⁰

Além do distanciamento, em maio de 2020, quando os médicos passaram a enfatizar e comprovar a importância do uso da máscara protetora para evitar a contaminação pela Covid-19, os repórteres da TV Paraíba passaram a usar o equipamento de proteção diante das câmeras, seguindo um protocolo estabelecido pela Rede Globo. A mudança chegou a ser

¹⁰ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/bom-dia-paraiba/t/ZPVcLXTMx7/>> Acesso em: 12 abr. 2021.

anunciada na edição do Jornal Nacional do dia 5 do mesmo mês, pelo âncora William Bonner. Depois disso, a nova regra também foi estabelecida no uso de imagens com entrevistados: caso estivessem sem a máscara, não haveria gravação de reportagens, bem como entrevistas em entradas ao vivo. A medida de cuidado durante as produções tinha como objetivo não incentivar as pessoas a deixarem de usar o equipamento de proteção em meio à pandemia.

3.2 Segunda fase: aumento de casos de Covid e medidas mais restritivas

Entre junho e julho de 2020, Campina Grande e toda a Paraíba registravam aumento no número de casos e mortes pelo novo coronavírus. Diante disso, a redação da TV Paraíba, assim como a cidade e o Estado, precisou de medidas mais restritivas de prevenção à Covid-19. Além dos cuidados com as equipes de produção que permaneciam trabalhando na redação, as novas medidas na empresa visavam a preocupação com as equipes de reportagens nas ruas e, por isso, as matérias passaram a ser produzidas e executadas nos espaços internos da TV.

Para isso, a Internet e os celulares se tornaram ferramentas essenciais no dia a dia e nas rotinas produtivas da TV Paraíba. Por meio dessas ferramentas, os jornalistas conseguiam checar, apurar e, de certa forma, fazer com que os acontecimentos nas ruas da cidade chegassem à redação para que mais tarde, no telejornal, estivessem como informação na casa dos telespectadores.

3.2.1 O uso de dispositivos móveis e da Internet no dia a dia da redação

Assim como nas relações sociais da população, o impacto da pandemia levou jornalistas da TV Paraíba a utilizarem as novas ferramentas e tecnologias de comunicação e informação no trabalho de forma mais acentuada e, sobretudo, se reinventarem enquanto profissionais. No novo normal, estes profissionais encontraram nos dispositivos móveis e na Internet a possibilidade de produção remota para o telejornal local. Isso porque, com o agravamento da doença na cidade e no Estado, aumentou a preocupação com o trabalho das equipes de reportagens nas ruas, surgindo, assim, um novo formato de criação de conteúdo.

Em entrevista para este trabalho, a jornalista e editora de texto do JPB2, Ana Sousa, que também é Mestre em Comunicação e professora de Mídias Digitais, fala sobre as transformações vividas e observadas nas rotinas produtivas da redação da TV Paraíba. Segundo ela, uma das principais mudanças observadas no trabalho em meio à pandemia foi que o uso do celular nas produções de conteúdos para o telejornal passou a ser essencial: “se antes da pandemia a gente usava de vez em quando, quando realmente era necessário, com a pandemia esse uso do celular passou a ser diário” (SOUSA, 2021)¹¹. Questionada sobre a qualidade das imagens feitas por dispositivos móveis e editadas para a produção do telejornal da empresa, a jornalista comentou:

Sobre a questão da qualidade da imagem, a partir do momento que a gente começou a usar recursos de imagens feitas do celular antes mesmo da pandemia, se a imagem mostrasse o fato, aquilo que interessasse pra gente, que fosse a notícia, por mais que a imagem não tivesse muito boa, ou tivesse um pouquinho torta, com algum ruído, mas se mostrasse o fato, aquela imagem valia pra gente [...] Essa ideia de que agora a gente não tem mais critério em relação ao formato de imagem, na verdade esse

¹¹ Entrevista concedida por SOUSA, Ana. Entrevista II. [mai. 2021]. Entrevistador: Franciérica Oliveira Ribeiro. Campina Grande, 2021. 1 arquivo .mp3 (10 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste artigo.

critério já vinha sendo adotado de maneira maleável nas rotinas de produção. (SOUSA, 2021).

Ou seja, não é que o uso do celular passou a existir na redação da TV Paraíba depois da pandemia, porém com esse cenário adverso essa ferramenta se tornou imprescindível nas rotinas produtivas do telejornalismo da empresa.

3.2.2 O personagem produzindo o próprio conteúdo

Como alertam Fonseca e Kuhn (2009, p. 58), “o campo da comunicação e da informação atravessa um período de profundas transformações em sua lógica e funcionamento.”. Esse campo, por sua forma e intenção, reavalia suas estruturas e se reorganiza conforme os acontecimentos do mundo. Sendo assim, essas profundas transformações estão diretamente ligadas ao formato de trabalho desse campo, bem como àqueles que exercem esse trabalho.

Nesse sentido, com o impacto da Covid-19 os formatos de conteúdo para o telejornalismo da TV Paraíba passaram por transformações na sua logística de produção. Além da necessidade do uso de dispositivos móveis e da Internet nas produções, as pautas, que antes eram executadas pelas equipes de reportagens fora da redação, passaram a ser executadas dentro da própria empresa. Visto isso, para que as equipes tivessem o conteúdo internamente, personagens das matérias passaram a produzir de casa seu próprio conteúdo. Conforme explica a editora de texto do JPB2:

Antes da pandemia começar, a gente já vinha utilizando o recurso de imagens feitas de celular, imagens enviadas pelos telespectadores, principalmente naquelas reportagens em que a gente nem sempre podia ir até o local, ou porque não tinha equipe no momento ou porque o local era muito distante. [...] Só que, diferente de antes da pandemia pra durante a pandemia, é que a gente começou a fazer um trabalho que a gente não fazia, que foi orientar as pessoas a como gravar, como enquadrar, como o personagem olhar pro celular e se enquadrar na imagem, então isso não era feito antes, mas aí com a pandemia isso se tornou uma preocupação, além da pessoa dar a entrevista era preciso passarmos todas essas orientações pra ela. (SOUSA, 2021).

Antes mesmo da pandemia, essas transformações no formato de conteúdo para o telejornalismo, com participação e colaboração da população na produção da notícia, através de ferramentas e meios tecnológicos, já eram previstas por pesquisadores do campo da comunicação, como por exemplo Lopes e Bonisem.

Na era digital, o jornalismo depara-se com profundas transformações na sociedade. Nos dias atuais, o cidadão e/ou colaborador participa diretamente da produção da notícia, fator que modifica a relação do jornalista com as suas fontes. Além de o profissional jornalista enfrentar diversas transformações em sua área de atuação, consequentemente, o conteúdo da notícia também será profundamente modificado. (LOPES; BONISEM, 2019, p. 2).

Desse modo, entende-se que o formato de produção da notícia já passava por transformações na era digital. Porém, com a pandemia da Covid-19, no jornalismo aplicado à televisão, essas novas técnicas de produção por meio de ferramentas como a Internet e o celular tornaram-se diárias, enquanto reportagens ganharam maior participação de conteúdos elaborados pelas próprias fontes.

3.2.3 Repórteres produzindo na redação

Pensando no risco das equipes de reportagens trabalharem nas externas, além dos produtores, os repórteres também passaram a utilizar os próprios celulares e a internet como ferramentas para a elaboração de reportagens para o telejornal. Desse modo, os repórteres passaram a ressignificar a elaboração das notícias, produzindo conteúdos para os telejornais nos espaços da TV Paraíba.

Longe da pandemia da Covid-19, mas atentos às transformações no campo da comunicação, conforme as mudanças do mundo, Fonseca e Kuhn (2009, p. 58) já alertavam: “[...] Soma-se a isso a necessidade de um corpo de profissionais adaptados à nova lógica de produção”. Sendo assim, antes mesmo dessa crise sanitária, tais autores já avaliavam o papel do jornalismo e do jornalista contemporâneos:

Nesse cenário, jornalismo e jornalistas transformam-se, redefinem-se, reconfiguram seus papéis sociais e assumem novas funções. Por essa razão, retomam-se algumas tentativas de definição identitária para reavaliar sua pertinência nos dias atuais. (FONSECA; KUHN, 2009, p. 63).

Ainda conforme o pensamento de Fonseca e Kuhn (2009, p. 58) “a nova conjuntura econômica e tecnológica exige do jornalista a maximização de conhecimentos de natureza técnica”. Sob essa perspectiva, Ana Sousa, editora do JPB2, conta:

Aquelas pessoas que não estavam tão acostumadas com o uso do celular, em como gravar, como utilizar o *Whatsapp* para entrevistar, como fazer uma videochamada, [...] a gente percebe que tem um pouco de dificuldade, até de resistência, [...] mas aqui em Campina Grande a gente viu que as pessoas conseguiram se adaptar muito bem porque ou era desse jeito ou não tinha jeito. Então, assim, quem já tinha algum contato maior com essas ferramentas, celular, aplicativos de mensagens, com as possibilidades do dispositivo móvel, acabou pegando isso muito mais rápido, quem não tinha foi pegando aos poucos e desenrolou mesmo. (SOUSA, 2021).

Nesse sentido, a ideia de maximização de conhecimentos de natureza técnica pôde ser observada no ambiente de trabalho dos jornalistas da TV Paraíba, uma vez que esses profissionais precisaram aprender a interagir e produzir diariamente através dessas ferramentas tecnológicas que antes não eram tão utilizadas nas rotinas de produção da empresa.

3.2.4 Home Office: a casa como cenário do repórter

Quando mais casos de Covid-19 começaram a ser registrados em Campina Grande, ao modo em que a população era incentivada a cumprir o isolamento social, a redação da TV Paraíba continuava funcionando para levar informação aos telespectadores da cidade e região. Mas a empresa, visando garantir a segurança dos profissionais, decidiu que os colaboradores que pudessem realizar o trabalho de casa deveriam produzir em *home office*. Sendo assim, repórteres do jornalismo online que atuavam na redação da TV Paraíba passaram a trabalhar de casa, enquanto apenas as equipes do telejornal permaneceram com o trabalho *in loco*.

Porém, com o aumento dos casos, profissionais das equipes do telejornalismo da TV Paraíba, que eram considerados do grupo de risco¹² da Covid-19, também foram afastados do trabalho ou ficaram em *home office*. Nesse período, um dos quatro cinegrafistas da empresa, que trabalhava no estúdio de gravações do telejornal, foi afastado do trabalho por estar no grupo de risco à doença, enquanto os outros três permaneceram trabalhando na TV.

Pelo menos dois repórteres da empresa, que também foram considerados do grupo de risco à Covid-19, passaram a trabalhar e produzir reportagens em *home office*. Tendo como cenário a própria casa, através da internet e dos dispositivos móveis eles participavam das edições do JPB2, trazendo informações da pandemia para os telespectadores por meio de entradas ao vivo no telejornal, conforme mostra a **Figura 3**.

Figura 3 – *Home office*: a casa como cenário do repórter



Fonte: Globoplay (2020)¹³

O chefe de redação, Carlos Siqueira, lembra-se que o trabalho em *home office* foi uma das principais recomendações da TV Paraíba para diminuir o fluxo de pessoas na empresa no pico da pandemia em 2020: “teve uma reunião de gerentes e a recomendação da empresa era o trabalho *home office*, [...] era uma experiência que a gente ia fazer, foi um impacto para muitos colegas que pensaram que iam ser demitidos” (SIQUEIRA, 2021).

3.3 Terceira fase: diminuição dos casos de Covid-19 e flexibilização no trabalho

Entre os meses de setembro e dezembro de 2020, a Paraíba registrou diminuição no número de casos e mortes pela Covid-19. Com isso, foram publicados novos decretos com flexibilização e medidas menos restritivas para o Estado, o que se refletiu em Campina Grande. Até então, o comércio da cidade já estava totalmente aberto, apenas com horários de funcionamento reduzidos.

Assim como nas ruas da cidade, as rotinas de trabalho na redação da TV Paraíba voltaram a se adequar conforme as medidas menos restritivas. Mesmo com o novo formato de produção adotado, de conteúdos feitos por celular e enviados para a redação pelos

¹² Grupo de risco: são considerados grupo de risco para agravamento da Covid-19 os portadores de doenças crônicas, como diabetes e hipertensão, asma, doença pulmonar obstrutiva crônica, e indivíduos fumantes, acima de 60 anos, gestantes, puérperas e crianças menores de 5 anos.

¹³ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/jpb-2a-edicao-tv-paraiba/t/6fPcfK1VWx/>> Acesso em: 12 abr. 2021.

telespectadores, com a flexibilização as equipes voltaram a sair às ruas para o trabalho externo, porém tomando ainda todos os cuidados necessários de prevenção à Covid-19.

Na ocasião, o conteúdo para o telejornal da casa mesclava entre as produções externas feitas pelas equipes de reportagens e materiais enviados pelos personagens. Nesse período, no formato de produção eram utilizados vídeos e imagens feitas por celulares, além de passagens¹⁴, sonoras¹⁵ ou imagens feitas pelos cinegrafistas da empresa.

Quando ocorreu a diminuição dos casos na cidade e no Estado, a TV Paraíba também analisou o cenário da redação e optou pelo retorno dos profissionais afastados, ou que estavam em *home office*. Com isso, o fluxo de pessoas na empresa voltou ao normal, mas em todos os setores permaneciam as orientações para higienização dos equipamentos e dos locais de trabalho, além do distanciamento e do uso das máscaras e álcool em gel.

Sobre passar pela fase de pico da doença em 2020, o chefe de redação, Carlos Siqueira, destaca: “a gente teve um resultado muito significativo na empresa também com as medidas de higienização dos equipamentos [...] Foi um processo de conscientizar os colegas da necessidade [de manter os padrões de higiene adotados na pandemia], hoje todos fazem” (SIQUEIRA, 2021).

3.4 Quarta fase: 2ª onda da Covid-19 e o retorno de medidas mais restritivas

Em Campina Grande iniciou-se a vacinação contra Covid-19 no dia 19 de janeiro de 2021. Nesse período, em que profissionais da saúde na linha de frente começavam a receber o imunizante, a cidade e o Estado ainda permaneciam com diminuição no registro de casos da doença. Mas, em fevereiro do mesmo ano, os casos e mortes pelo novo coronavírus voltaram a aumentar no município e na Paraíba, assim como em todo o país, o que configurou o momento da segunda onda da Covid-19.

Em março de 2021, a Paraíba estava no pico da doença. O mês, que até então chegou a ser considerado o pior mês da pandemia da Covid-19 no Brasil, também foi o período com mais mortes registradas pela doença desde o início da pandemia no Estado. Com isso, novos decretos com medidas mais restritivas foram publicados pelo Governo Estadual.

Com o município de Campina Grande determinando, novamente, medidas mais restritivas de prevenção à Covid-19, o trabalho na redação da TV Paraíba, mais uma vez, precisou de adaptações nas rotinas produtivas. Logo, os profissionais foram orientados à produção de conteúdo na própria redação, evitando sair para produções externas. A partir disso, as gravações voltaram a ser produzidas dentro da empresa com entrevistas por videochamadas e imagens enviadas pelos personagens de cada produção.

Apesar de viverem o medo novamente do que estaria por vir em meio a uma segunda onda da pandemia, os jornalistas da TV Paraíba já estavam habituados ao novo formato de trabalho e se reinventavam a cada nova produção nos espaços internos da empresa. Sobre isso, a jornalista Ana Sousa enfatiza:

Isso mostrou inclusive para os donos de empresa um novo formato, um novo jeito de fazer jornalismo, inclusive sem a necessidade de você se deslocar. Nesta pandemia, por exemplo, a gente tinha pessoas da cidade que estavam em outros países e que a gente, por meio do celular e da Internet conseguiu entrevistar, receber conteúdo feito pelo celular [...] então mostrou também a possibilidade de abrir leques de pautas, de

¹⁴ Passagem: um jargão do jornalismo de TV que identifica quando o repórter participa da matéria, ou seja, quando ele aparece falando diretamente com os telespectadores durante a reportagem gravada

¹⁵ Sonoras: gravações de entrevistas realizadas por repórteres, que posteriormente são utilizadas para criação de reportagens radiofônicas ou televisivas

informações, de entrevistas [...] E esse é um formato que veio para ficar e que, por mais que a pandemia acabe, a gente vai continuar utilizando. (SOUSA, 2021).

Desse modo, percebe-se que, durante a volta do aumento de casos da Covid-19 no Estado, os profissionais da redação da TV Paraíba já compreendiam a necessidade dos novos formatos de produção serem praticados no telejornalismo, uma vez que esses modelos de trabalho já se mostravam eficazes na criação de conteúdos dentro da empresa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao longo da pesquisa pode-se constatar que: com o início da pandemia da Covid-19, as rotinas produtivas na redação da TV Paraíba sofreram impactos significativos no processo de produção da notícia, no formato de conteúdo para o telejornalismo e, principalmente, nas adaptações dos profissionais a um novo normal. Conforme dados qualitativos coletados com alguns jornalistas da empresa, percebeu-se as dificuldades encontradas nas rotinas de trabalho devido à realidade pandêmica a qual a cidade de Campina Grande e o Estado da Paraíba se encontravam até o término desta investigação.

Atentando para os relatos desses jornalistas, fica claro que os impactos da Covid-19 transcenderam a realidade do papel profissional ao qual executaram, condicionando transformações para além da redação da TV Paraíba e os desafiando a se adaptarem também a um processo de autocuidado, o que evidencia estudos anteriores aqui citados, que apontam que “o produtor da notícia atua como espectador ao mesmo tempo que é também vítima dos fatos reportados”. (NICOLETTI, 2021).

Este trabalho também identificou como esses jornalistas precisaram se reinventar nas produções, construindo matérias diferentes em espaços limitados e com ajuda de ferramentas como a Internet e dispositivos móveis, mecanismos que antes não eram indispensáveis nas rotinas produtivas, para que as informações estivessem no telejornal da empresa. Nesse sentido, observou-se também que, pelos novos formatos adotados no telejornalismo da TV Paraíba, estudos de pesquisadores como Lopes e Bosinem (2019), antes mesmo da pandemia, já visualizavam que além das transformações vividas pelos jornalistas no trabalho, o conteúdo da notícia também é modificado.

Além de constatar que é possível fazer telejornalismo em tempos de crise, a exemplo da pandemia da Covid-19, esta pesquisa detectou também como o novo coronavírus foi um fator determinante para a urgência de profissionais jornalistas se adaptarem ao uso de outras ferramentas tecnológicas para que pudessem, de fato, disseminar a informação em meio à adversidade. Portanto, o início da pandemia foi um agente que possibilitou perspectivas diferentes de produção, mostrando novas diretrizes na construção da notícia no telejornalismo.

Porém, ao mesmo tempo em que essas possibilidades foram identificadas, percebeu-se também pontos negativos, tanto pelos novos formatos de trabalho adotados, que por muitas vezes geraram acúmulo de funções, quanto pelas dificuldades nas adaptações que demandaram um tempo maior de processamento da realidade. Esse cenário fez com que os profissionais jornalistas da TV Paraíba ficassem impactados com as novas mudanças e se sentissem desafiados em meio à pandemia.

Portanto, ao observar o papel do telejornalismo em situações adversas como a da pandemia da Covid-19, é notório a reafirmação da importância dessas adaptações e alterações no processo de produção para que a notícia chega ao telespectador, porque mesmo com outras alternativas de acesso à informação em momentos como esse, faz sentido o que disserta pesquisadoras como Siqueira e Monteiro (2020), de que é por esse meio de comunicação que brasileiros continuam se informando sobre o que acontece no país e no mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todas as mudanças observadas nas rotinas produtivas do telejornalismo da TV Paraíba por causa da Covid-19, este trabalho conseguiu identificar as transformações e como os impactos da pandemia afetaram o trabalho dos profissionais desse meio de comunicação, que precisaram estar alinhados a uma realidade pandêmica e às estratégias de adaptação da empresa a um novo normal.

Para tanto, é imprescindível atentar para a importância do estudo elaborado em uma redação de TV na cidade de Campina Grande, em que é possível atribuir todas as mudanças ocorridas em contexto local. Vale salientar que o ambiente onde a pesquisa foi aplicada é de uma empresa afiliada da Rede Globo que, assim como na Paraíba, possui afiliadas em outros estados do Brasil, que também precisaram de reconfiguração nas rotinas de produção por causa da pandemia da Covid-19. Sendo assim, vislumbrando projeções futuras, este trabalho poderá contribuir para novas pesquisas que atentem para as diferenças nas reações, para as dificuldades e soluções encontradas por esse grupo de afiliadas, bem como por outras redações de telejornalismo de emissoras e empresas de comunicação brasileiras.

Além disso, a descrição das transformações e novos formatos de produção ocorridos por causa da pandemia na redação da TV Paraíba em Campina Grande poderá refletir no levantamento de outras pesquisas que abordem o cenário atual do jornalismo, ou especificamente do telejornalismo, tendo como estudo de caso outras empresas desse ou de outros campos da comunicação, que vivenciam ou vivenciaram adaptações semelhantes ou distintas por causa da Covid-19.

Tendo em vista o que foi observado, e considerando os objetivos e resultados alcançados, este trabalho também corrobora para possíveis novas hipóteses, a exemplo de como esses novos formatos de produção no telejornalismo poderão permanecer nas redações mesmo após a pandemia. Nesse sentido, é possível pensar em projetos futuros que constatem e avaliem os próximos desafios e mudanças enfrentados pelo telejornalismo pós-pandemia, questionando como essas mudanças na produção atual, condicionadas por uma doença que permanece amedrontando a população brasileira, poderão ser prolongadas nesse formato do jornalismo aplicado à televisão.

REFERÊNCIAS

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. **Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise**. NER - Núcleo de Estudos de Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://nerufrgs.blogspot.com/p/blog-page.html>. Acesso em: 13 set. 2020.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira; KUHN, Wesley Lopes. **Jornalista contemporâneo: apontamentos para discutir a identidade profissional**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 21, p. 57-69, jul./dez. 2009.

LIRA, Artur. Entrevista I. [mai. 2021]. Entrevistador: Franciérica Oliveira Ribeiro. Campina Grande, 2021. 1 arquivo .mp3 (9 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A deste artigo.

LOPES, Daniele Vieira; BONISEM, Fabiano Mazzini. **O Jornalismo na Era Digital: Impactos Percebidos por Repórteres e Editores**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vitória - ES – 03 a 05/06/2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0800-1.pdf>. Acesso em: 13 maio 2021.

NETO, David Pereira. **Infografia telejornalística: Avaliação da usabilidade de atributos animados**. Florianópolis, Editora UDESC, 2013. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/1229/David_Pereira_Neto_1552317258542_1229.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.

NICOLETTI, Janara. **É preciso falar sobre a saúde mental dos jornalistas**. *In*: Observatório da Imprensa. **Observatório da Imprensa**. Edição 1134, 20 abr. 2021. <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/e-preciso-falar-sobre-a-sau-de-mental-dos-jornalistas/>. Acesso em: 12 maio 2021.

SIQUEIRA, Carlos. Entrevista III. [mai. 2021]. Entrevistador: Franciérica Oliveira Ribeiro. Campina Grande, 2021. 1 arquivo .mp3 (12 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C deste artigo.

SIQUEIRA, Fabiana; MONTEIRO, Patrícia. **Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet**. João Pessoa, Editora UFPB, 2020. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/ppj/contents/livros/jornalismo-em-tempos-de-pandemia.pdf>. Acesso em: 12 maio 2021.

SOUSA, Ana. Entrevista II. [mai. 2021]. Entrevistador: Franciérica Oliveira Ribeiro. Campina Grande, 2021. 1 arquivo .mp3 (10 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste artigo.

TRAVANCAS, Isabel. **Etnografia da produção jornalística – estudos de caso da imprensa brasileira**. ECO/Universidade Federal do Rio de Janeiro, SBPJor / Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo, 2010.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

APÊNDICE A - ENTREVISTA I

Em entrevista realizada individualmente e pessoalmente com o repórter da TV Paraíba, Artur Lira, no dia 4 de maio de 2021

Franciérica Oliveira Ribeiro: Durante o trabalho na rua, no início e no pico da pandemia, você e sua equipe de reportagem tiveram medo de se contaminar e de levar a doença para a família ou redação? Como ficou sua saúde mental?

Artur Lira: Foi muito complicado, foi um momento de muito impacto na minha vida. Eu diria que o maior que eu passei até hoje, porque quando a pandemia foi chegando no Brasil a gente já tinha conhecimento da gravidade da doença, mas como não tinha nenhum tratamento eficaz e não tinha nada, assim, a única proteção que a gente tinha inicialmente era a máscara, que no início disseram que a máscara não deveria ser usada pelas pessoas comuns, mas apenas pelas pessoas que estivessem doente e as pessoas que fossem da área de saúde, então toda essa exposição causou um pânico em mim, particularmente, esse pânico era maior pelo fato de que eu moro com a minha mãe e minha mãe é uma pessoa de 59 anos, que tem comorbidade, que tem diabetes, tem hipertensão, então acima de tudo o meu maior medo era de me contaminar na rua, levar essa contaminação pra casa e acabar transmitindo pra minha mãe. Mas, ao mesmo tempo, eu sentia na profissão a missão de que o jornalismo tem, de que alguém precisava ir pra rua pra dizer a sociedade aquilo que tava acontecendo, mesmo quando a gente não entendia o que tava acontecendo, né?! Os próprios jornalistas ainda com muitas dúvidas porque a OMS ainda não tinha um direcionamento fixo, a cada semana as coisas mudavam e na empresa a gente chegou a negociar pra que, sempre que fosse possível, as matérias fossem realizadas de maneira remota. Então pedia vídeo, pedia foto, só que na prática ainda surgiam muitas situações em que os editores exigiam: ‘não, nessa situação o repórter tem que ir pra rua’. E isso até foi motivo de brigas, entre equipes de reportagens e equipes de produção, mas provocadas não pela, não diria pela insubordinação, mas principalmente pelo fato de que era o medo, era aquele ‘eu não quero ir pra rua porque eu estou com medo’. Então era o medo mesmo, o medo de ir pra rua e assim, ao ponto de provocar um pânico, uma mania de limpeza que a gente nunca teve, então assim aquela mania de sair limpando tudo, de nunca colocar a mão no rosto e eu sempre tive mania de coçar o olho, qualquer movimento que a gente fazia era pensando assim: ‘eu peguei nisso, eu preciso limpar minha mão, né?! A preocupação de se aproximar de um hospital, por exemplo, né?! Com o tempo a gente foi aprendendo a conviver e aí isso foi uma coisa que foi mudando pra todo mundo, quando os próprios órgãos de saúde começaram a dizer: a máscara de tecido é eficiente então usem a máscara de tecido. Quando disseram a rotina de higienização todo mundo tava correndo atrás do álcool em gel e a ciência mostrou que a água com sabão era mais eficaz, então a convivência com a pandemia foi fazendo a gente meio que não se acostumar, mas se adaptar a esse novo normal e hoje eu fiz testes recentes de Covid-19, nesse um ano de pandemia graças a Deus não fui contaminado, mas é como eu sempre digo às pessoas, como a gente ainda não entende muita coisa, eu não posso dizer assim ‘ai eu não peguei porque eu tive todo cuidado’ porque tem muita gente que tem muito cuidado e acabou se contaminando, mas assim é a minha força, de que se eu continuar tendo cuidado vai dá certo, então eu tô seguindo assim.

Franciérica: Nessa fase que chega a vacina em Campina Grande, até o momento de hoje, como você se viu enquanto profissional para tentar ajudar a população e qual a importância do telejornalismo?

Artur: Olha, eu digo que historicamente esse é um dos momentos mais importantes pra imprensa e mostrou o quanto o papel da imprensa é fundamental pra sociedade, porque eu fico imaginando o caos que seria a sociedade se não existisse a imprensa. As pessoas podem até dizer: ‘ah hoje tem internet, hoje tem rede social’, mas o problema muitas vezes é esse, a internet ela é muito importante e muito democrática, a rede social também, mas o problema são as pessoas que utilizam esses meios pra disseminar fake news, então assim, o que eu percebo é que mesmo com a imprensa fazendo uma cobertura assim, precisa, detalhada, a gente vê a sociedade com muitas dúvidas, imagine se não existisse a imprensa? Se não existisse a imprensa, ou se a gente não tivesse fazendo a cobertura desse jeito, as pessoas não sabiam nem onde tomar a vacina. Então o telejornalismo é fundamental num momento como esse porque ele se torna a ferramenta mais completa e, ao mesmo tempo, mais democrática, por que? Porque traz som e traz imagem, então a gente pode não só tá levando a informação com o que a gente fala, mas a gente mostrar a situação de uma fila, mostrar a situação de um posto. A gente exhibe uma arte onde a pessoa vai poder acompanhar com aquele repórter a imagem ‘hoje a vacinação vai acontecer em tal local, de tal hora’, de forma muito didática, muito clara e, o melhor de tudo, é livre e é de graça. Então quando você confia na imprensa tradicional, quando você confia no telejornalismo da sua cidade, você sabe que aquela informação ali ela tem um critério muito forte, foi checada e aquilo ali você diz: ‘não, eu posso ir amanhã nesse local porque eu vi na televisão que tal hora neste local vai ter’.

APÊNDICE B - ENTREVISTA II

Em entrevista realizada individualmente e pessoalmente com a editora de texto do JPB2, Ana Sousa, no dia 4 de maio de 2021

Franciérica Oliveira Ribeiro: Com a pandemia, o que mudou sobre a estética do telejornalismo? Reconsiderou a questão da qualidade na imagem?

Ana Sousa: Antes da pandemia começar, a gente já vinha utilizando o recurso de imagens feitas de celular, imagens enviadas pelos telespectadores, principalmente naquelas reportagens em que a gente nem sempre podia ir até o local, ou porque não tinha equipe no momento ou porque o local era muito distante. Porém, com a pandemia, isso cresceu ainda mais, de modo que o uso do celular passou a ser frequente. Se antes da pandemia a gente usava de vez em quando, quando realmente era necessário, com a pandemia esse uso do celular passou a ser diário. Sobre a questão da qualidade da imagem, a partir do momento que a gente começou a usar recursos de imagens feitas do celular antes mesmo da pandemia, se a imagem mostrasse o fato, aquilo de interessasse pra gente, que fosse a notícia, por mais que a imagem não tivesse muito boa, ou tivesse um pouquinho torta, com algum ruído, mas se mostrasse o fato, aquela imagem valia pra gente, como exemplo de alguns casos como um incêndio que teve na uepb e a gente recebeu imagens feitas de celulares que mostravam o momento desse incêndio, a equipe até foi pro local, mas quando chegou lá o incêndio já tinha sido apagado, então as imagens do momento a gente já precisava. Essa ideia de que agora a gente não tem mais critério em relação ao formato de imagem, na verdade esse critério já vinha sendo adotado de maneira maleável nas rotinas de produção, com a pandemia, como o uso do celular ele passou a ser praticamente rotineiro, todos os dias, principalmente porque os repórteres foram impossibilitados de ir pra determinados lugares por conta de aglomeração e insegurança mesmo, o recurso de imagens era enviado por celular. Só que diferente de antes da pandemia pra durante a pandemia é gente começou a fazer um trabalho que a gente não fazia, que foi orientar as pessoas a como gravar, como enquadrar, como o personagem olhar pro celular e se enquadrar na imagem, então isso não era feito antes mas aí com a pandemia isso se tornou uma preocupação, além da pessoa dar a entrevista era preciso passarmos todas essas orientações pra ela. Então houve essa mudança, mas em relação aos critérios de imagens, a gente continua avaliando as imagens, no sentido de que se a imagem mostra o fato, se ela tem o que precisamos, a gente utiliza e um outro detalhe, que é importante, é que se um entrevistado gravou com o celular torto, por exemplo, a gente pedia justamente uma regravação por aquele formato não estar adequado ao nosso tipo de conteúdo. Mas tem casos que a gente não tem como regravar, como por exemplo uma situação factual, que a gente não tem como voltar no tempo, então a gente acaba utilizando essas imagens.

Franciérica: E como a pandemia da Covid-19 trouxe a possibilidade desses novos formatos de conteúdo serem executados nas rotinas de produção do telejornalismo?

Ana: De modo geral, a pandemia contribuiu não apenas para a TV Paraíba, mas muitas outras empresas enxergarem a possibilidade da produção de conteúdo apenas com o celular, porque assim, particularmente, pra mim, eu já enxergava essa possibilidade porque eu já estudo redes sociais, a produção de conteúdo pelo celular. Inclusive, antes da pandemia, a gente teve um desafio de viver uma série de aniversário de campina grande toda produzida por celular, então a gente teve essa preocupação de colocar como um desafio pra equipe. Então foi uma ideia que eu tive com os editores de imagem e aí a gente colocou o desafio para a equipe, onde o

repórter começou a gravar com o celular, a produzir o conteúdo. E já nessa gravação da série a gente percebeu como o cinegrafista ficou preocupado “poxa, vai filmar com o celular, eu estou com a câmera”. então assim, de imediato a gente sentiu o impacto, aquela resistência dos profissionais em gravar com o celular, mas a gente viu que era possível. então assim, aqui pra equipe de campina grande, pelo menos para o jpb2, a gente viu que era possível fazer, porém muito trabalhoso, porque a gente teve que gastar mais dias na produção, na edição, na construção mesmo da reportagem. Então quando você pensa no cenário de pandemia, em que antes a gente teve essa experimento, de gravar com o celular e era uma ideia específica e essa ideia específica hoje se tornou algo diário, então aquelas pessoas que não estavam tão acostumadas com o uso do celular, em como gravar, como utilizar o Whatsapp para entrevistar, como fazer uma videochamada, então essas pessoas no cenário geral a gente percebe que tem um pouco dificuldade, até de resistência, no cenário local também, um pouco de dificuldade em as pessoas acharem que vai ser possível, mas aqui em Campina Grande a gente viu que as pessoas conseguiram se adaptar muito bem porque ou era desse jeito ou não tinha jeito. Então assim, quem já tinha algum contato maior com essas ferramentas, celular, aplicativos de mensagens, com as possibilidades do dispositivo móvel, acabou pegando isso muito mais rápido, quem não tinha foi pegando aos poucos e desenrolou mesmo. Eu acredito que é algo que veio pra ficar, que mostra pra gente que é possível sim você fazer jornalismo, por mais que você não tenha ao seu redor uma equipe completa, você sozinho, se você tiver diante de um fato é só você apontar a câmera do celular e começar a gravar. isso mostrou inclusive para os donos de empresa um novo formato, um novo jeito de fazer jornalismo, inclusive sem a necessidade de você se deslocar. Nesta pandemia, por exemplo, a gente tinha pessoas da cidade que estavam em outros países e que a gente, por meio do celular e da internet. conseguiu entrevistar, receber conteúdo feito pelo celular, e antes a gente deixava de entrevistar essas pessoas porque a gente não tinha como encontrá-las pessoalmente, então mostrou também a possibilidade de abrir leques de pautas, de informações, de entrevistas, já que não necessariamente você precisa estar pessoalmente com o entrevistado. E esse é um formato que veio para ficar, e que por mais que a pandemia acabe, a gente vai continuar utilizando esse formato, porque a gente vive num avalanche de informações e não tem como estar o tempo todo em todos os lugares, então nem sempre a gente vai conseguir cobrir tudo, então aquilo que a gente não consegue cobrir a gente vai continuar recorrendo ao uso do celular porque daqui pra frente será assim, todos os dispositivos que surgiram daqui pra frente.

APÊNDICE C - ENTREVISTA III

Em entrevista realizada individualmente e pessoalmente com o chefe de redação da TV Paraíba, Carlos Siqueira, no dia 7 de maio de 2021

Franciérica Oliveira Ribeiro: Antes da pandemia, quantos funcionários tinham na TV Paraíba? Houve uma redução durante a pandemia?

Carlos Siqueira: Houve uma redução, mas antes da pandemia porque, na verdade, a empresa se reestruturou em Campina Grande. Campina tinha uma formatação de equipes de reportagens muito grande, só pra lhe dizer nós tínhamos quatro pessoas dentro do carro, na reportagem externa no passado, era o cinegrafista, motorista, o iluminador e o repórter. Com a modernização dos equipamentos, nós passamos a ter só o motorista e o repórter. Então aí já teve duas perdas, que era o iluminador, deixou de existir porque a iluminação vinha na própria câmera, e o motorista deixou de existir porque o cinegrafista, ele é o motorista e acumula uma gratificação em torno desse acúmulo, e o repórter. Então logo de cara eu digo pra você que, antes da pandemia, bem antes, a gente teve uma redução no quadro significativo porque a gente tinha aí algo em torno de 20 profissionais na redação, envolvendo todo esse pessoal e a gente passou a ter aí uma redução e ficamos com 15 profissionais, então perdemos 5 de cara na redação. Na externa a gente tinha bem mais, quatro motoristas que foram de cara afastados e os iluminadores foram afastados bem antes da pandemia, muito antes, então a gente teve essa redução. E aí, o quê que aconteceu: a modernidade também trouxe esse impacto na mão de obra humana porque quando você compra um equipamento tipo "betacam", que são as câmeras que utilizamos, ela não precisa do operador de VT, a câmera está acoplada, o disco é colocado dentro da câmera e modulado pelo próprio cinegrafista, então houve uma redução. Os Estados Unidos hoje já se trabalha com um profissional e esse profissional é repórter, cinegrafista, ele se enquadra, ele grava, ele edita no notebook, ele gera pra empresa o material pronto. Então a humanidade está passando por uma modificação em função da globalização da tecnologia e a tecnologia tem avançado mais e mais, vocês sabem disso e isso tem diminuído a mão de obra, por que tem diminuído a mão de obra? Porque não há necessidade de tanta gente pra produzir um conteúdo que no passado exigia muitos profissionais.

Franciérica: No período do aumento dos casos na pandemia, entre junho e julho, quais foram as recomendações que a Rede Paraíba mandou para a TV?

Carlos: Entre junho e julho? Eu me lembro que houve uma recomendação assim, expressa, quando houve o pico da doença teve uma reunião de gerentes e a recomendação da empresa era o trabalho home office, que era uma experiência, hoje não é mais experiência, era uma experiência que a gente ia fazer, foi um impacto para muitos colegas que pensaram que iam ser demitidos. O que é que a empresa fez: chamou os gerentes e orientou que a gente detectasse quais eram os profissionais da redação que poderiam fazer muito bem o trabalho em home office, porque o home office não foi só na pandemia, ele veio pra ficar, é uma formatação que a empresa percebeu que ela é muito boa em alguns segmentos, quais, por exemplo? por exemplo. o G1 é um tipo de jornalismo que pode ser feito a partir do jornalista em casa e tem dado certo, a produtividade é aferida de casa e se viu que até cresceu, tem colegas que fazem home office que hoje eles colaboram na rádio CBN, trabalham no G1, trabalham no jornal, mandam conteúdo pra televisão, ou seja, essa convergência das mídias aconteceu muito bem dentro de casa. Então, entre junho e julho, pra responder sua pergunta, a

recomendação da casa foi: detectem os profissionais que podem trabalhar de casa e diminuam o fluxo de gente na redação, essa foi a recomendação da empresa.

Franciérica: Você considera esse tempo de pandemia um dos maiores momentos de transformação nas rotinas de produção da TV Paraíba?

Carlos: Eu digo sem medo de errar que em 33 anos de TV, eu acompanhei as gerações aí VHS, geração U-matic, geração betacam e geração digital, quatro gerações de equipamentos que duraram aí 10, 15, 20 anos, eu passei por todos eles. Nunca houve um desafio igual a esse! Porque a capacidade de ir pra rua, de produzir, de entrar nos lugares, de fazer o jornalismo nas entranhas dos problemas, a gente conseguia fazer. Eu já coloquei aqui produtor, em matérias investigativas, em situações que a gente controlava pra não colocar tanto em risco o profissional, mas que a gente entrava lá com câmera escondida, nos locais mais perigosos de Campina e da Paraíba. Hoje a gente tem o receio de mandar um profissional concluir um material em função da pandemia, para preservar os nossos colegas, que o bem maior nosso é a vida. A gente teve um resultado muito significativo na empresa também com as medidas de higienização dos equipamentos, os cuidados ao higienizar microfone e câmera antes e depois de casa entrevista, antes do carro sair pra rua. Foi um processo de conscientizar os colegas da necessidade, hoje todos fazem, na época foi agonia: “Eu vou ter que limpar toda hora?” Toda hora, antes e depois se não você está colocando em risco a sua vida. Então foi um momento muito delicado que envolveu a vida dos companheiros, que envolveu diretamente a nossa rotina de trabalho e conseqüentemente o que foi ao ar. Então nunca enfrentamos um período pandêmico na nossa geração tão grave como esse e que mudou abissalmente a nossa vida. Foi o momento de maior impacto da minha carreira, no tocante a fazer o jornalismo que a gente está acostumado a fazer dentro de um padrão de qualidade, mas digamos com menos capacidade de investimento em imagens externas, esse foi realmente um grande desafio.

APÊNDICE D - CARTA DE AUTORIZAÇÃO**CARTA DE AUTORIZAÇÃO**

Eu, _____, abaixo assinado(a), autorizo FRANCIÉRICA OLIVEIRA RIBEIRO, estudante de JORNALISMO da UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB, a utilizar as informações por mim prestadas durante entrevista realizada pessoalmente e gravada em formato de áudio, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso que tem como título A COVID-19 NAS ROTINAS PRODUTIVAS DO TELEJORNALISMO: O NOVO NORMAL NO CONTEXTO DA TV PARAÍBA e está sendo orientado pelo Prof. Dr. KLEYTON JORGE CANUTO.

Campina Grande, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do entrevistado

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me permitir chegar até aqui. Pelo dia em que me fez sentir uma das maiores alegrias da vida: descobrir que havia sido aprovada para o curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, onde tanto aprendi e cresci enquanto estudante. Segundamente, e não menos importante, agradeço à minha família que viveu comigo o mesmo dia de alegria e que me deu coragem para ir morar em um lugar diferente, distante de todos que amava, mas com a certeza de que, no fim, tudo daria certo.

Agradeço a todos os professores que, ao longo da minha trajetória enquanto estudante da UEPB, contribuíram para o meu aprendizado, conhecimento e formação em Jornalismo. Em especial ao meu orientador e amigo Kleyton Jorge Canuto, a quem eu sempre admirei como pessoa e profissional e a quem eu agradeço por me acompanhar até aqui com tamanha humildade e empatia.

Minha gratidão aos amigos que conquistei ao longo desses anos na UEPB e em Campina Grande, aos que estiveram juntos algum dia e aos que, mesmo depois de tantas escolhas distintas, permaneceram. Em especial ao meu amado amigo João Alfredo Mota, que nesta reta final esteve gigante ao meu lado, me ajudando e incentivando e que, por muitas e muitas noites, me acolheu em sua casa para que juntos pudéssemos falar sobre sonhos, amores e futuro.

Por fim, agradeço também a todos os amigos e profissionais que conheci e convivi durante o estágio da TV Paraíba, lugar que foi espaço para o desenvolvimento desta pesquisa e onde eu aprendi a viver o Jornalismo na prática, amadurecendo para a realidade contemporânea da profissão.